Seeds of Change: Nova York, uma botânica da colonização, 2017-2018[1]

Seeds of Change: New York, a botany of colonization, 2017-2018

Seeds of Change: Nueva York, una botánica de la colonización, 2017-2018

Maria Thereza Alves
Vive e trabalha entre Nápoles (Itália) e Berlim (Alemanha)

Tradução: David Sperling
Universidade de São Paulo, São Carlos, Brasil

RESUMO
O texto explora criticamente os processos pelos quais plantas não nativas, em sua maioria europeias, foram introduzidas na Costa Leste dos EUA – especialmente Nova York e Nova Jersey –, através do lastro de navios, transformando o ecossistema local. Destaca o impacto do colonialismo na transformação da flora e da topografia da região, enfatizando a relação entre a exploração de recursos e a violência ambiental e social. Alves defende que o solo e as plantas de Nova York testemunham o passado colonial e aponta para a necessidade de reconhecer essas paisagens como produto da violência colonial.

Palavras-chave: Maria Thereza Alves, *Seeds of Change*, flora de lastro, Nova York, passado colonial

ABSTRACT

The text critically explores the processes by which non-native plants, mostly European, were introduced to the East Coast of the USA – especially New York and New Jersey – through ship ballast, transforming the local ecosystem. It highlights the impact of colonialism on the transformation of the region's flora and topography, emphasizing the relationship between the exploitation of resources and environmental and social violence. Alves argues that the soil and plants of New York bear witness to the colonial past and points to the need to recognize these landscapes as a product of colonial violence.

Keywords: Maria Thereza Alves, *Seeds of Change,* Ballast flora, New York, colonial past

RESUMEN

El texto explora críticamente los procesos por los que plantas no autóctonas, en su mayoría europeas, se introdujeron en la Costa Este de Estados Unidos – especialmente Nueva York y Nueva Jersey – a través del lastre de los barcos, transformando el ecosistema local. Destaca el impacto del colonialismo en la transformación de la flora y la topografía de la región, haciendo hincapié en la relación entre la explotación de los recursos y la violencia ambiental y social. Alves sostiene que el suelo y las plantas de Nueva York son testigos del pasado colonial y señala la necesidad de reconocer estos paisajes como producto de la violencia colonial.

Palabras clave: Maria Thereza Alves, *Seeds of Change,* Flora de lastre, Nueva York, pasado colonial

Maria Thereza Alves (São Paulo, 1961) é uma artista e ativista brasileira que atualmente vive entre Nápoles e Berlim. Em 1987, foi uma das cofundadoras do Partido Verde em São Paulo, no Brasil. Maria Thereza Alves cria trabalhos específicos sobre os temas de arte e ecologia, história local e ambiental, envolvendo botânicos, funcionários públicos e comunidades. Alves acredita que a arte é um meio pelo qual o conhecimento pode ser desenvolvido e compartilhado. ara@snafu.de

David Sperling é Professor Associado do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). Coordenador do Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas (NEC-IAU-USP) e do Grupo Arte Ciência Tecnologia do Instituto de Estudos Avançados da USP (ACT>IEA-USP). Vice-coordenador do Polo São Carlos do IEA-USP. Pesquisador Produtividade PQ-2 do CNPq, desenvolvendo o projeto "Cartografias: tecnopolíticas e geopoéticas". É cocoordenador do atlasdochao.org e pesquisador associado do multispecieshealth.com.
https://orcid.org/0000-0003-1224-4267 | sperling@sc.usp.br

Créditos das imagens:
. Vistas da instalação de Maria Thereza Alves, Seeds of Change: New York - A Botany of Colonization, apresentada pelo Vera List Center for Art and Politics no Sheila C. Johnson Design Center, The New School, 3-27 de novembro de 2017. Fotografia: David Sundberg, cortesia do Vera List Center for Art and Politics.
. Maria Thereza Alves, Seeds of Change: A Floating Ballast Seed Garden, 2012-2016. Fotografia: © Max McClure. Cortesia do Bristol City Council, Arnolfini and University of Bristol Botanic Garden.
. Instalação no High Line Park, Nova York: A Ballast Flora Garden, High Line, 2018. Fotografia: Timothy Schenck

1 Publicado originalmente em Kuoni, C. & Lukatsch, W. (2022). Maria Thereza Alves: Seeds of Change (pp.147-149). Vera List Center for Art and Politics.

Mais de quatrocentas espécies de plantas, na sua maioria de origem europeia, cresceram em terras de lastro em Nova York e Nova Jersey. A partir daí, espalharam-se ainda mais. Os navios que chegaram aos Estados Unidos com lastro ao longo dos últimos séculos foram responsáveis pela introdução de muita flora não nativa na costa leste. Tanto é assim que o botânico Viktor Muhlenbach escreveu: "Rastelar os terrenos de lastro [...] para detectar o aparecimento de novas plantas era um passatempo botânico popular no final do século XIX e início do século XX."

Quando Nova York era uma colônia do Reino Unido, os regulamentos comerciais britânicos estipulavam que as mercadorias somente podiam ser importadas através da Inglaterra; do mesmo modo, os navios das colônias somente podiam vender os seus produtos em alguns portos estrangeiros. Assim, os navios coloniais sediados em Nova York regressavam para casa em lastro, em vez de navegarem pelos mares até a Inglaterra, pois só ali poderiam recolher mercadorias.

A complexidade crescente do comércio ao longo da costa leste aumentou a probabilidade de a flora de lastro chegar a Nova York. Entre 1732 e 1763, por exemplo, a maioria dos navios que partiam da colônia espanhola de Santo Agostinho, na Flórida, para a Nova York britânica, partiam em lastro. As sementes podem ter chegado em lastro de qualquer ponto do vasto império colonial espanhol.

Centenas de milhares de toneladas de lastro chegavam mensalmente à cidade de Nova York. Em 30 de junho de 1900, aproximadamente 7.584.000 toneladas de lastro chegaram aos portos da cidade, vindas de uma série de destinos: Colômbia, várias ilhas do Caribe, Venezuela, Guiana Inglesa, o "Império Chinês", as Índias Orientais Holandesas, o Japão e a Colônia Britânica do Cabo, na atual África do Sul.

As acumulações e os processos entre diferentes seres, incluindo a terra, tornam um lugar específico. A própria terra torna-se uma testemunha e dá testemunho da relação multiespécie da criação de lugares. O arquiteto Charlie Hailey observa que "o lastro colapsa a distância: de que outra forma podemos contar milhares de quilômetros de geografia, terreno, cidades-estado, nações e naturezas?"

Em Nova York, as particularidades topográficas, as especificidades e as relações foram destruídas. A água foi banida: rios, riachos, córregos e lagoas foram drenados, preenchidos ou cobertos. A não linearidade foi eliminada com o nivelamento de colinas, cantos, recantos, nichos, bem como ravinas e barrancos. Pântanos e brejos eram considerados uma afronta aos colonos e foram preenchidos. Entre os Guaranis da América do Sul, é incompreensível remover uma colina, pois isso alteraria as correntes de ar. Mas na cidade de Nova York, os colonos aplainavam os morros para transformá-los em ruas ou em material para encher pântanos. O rio foi definido como um conjunto de potenciais lotes imobiliários e os pedaços foram vendidos para serem preenchidos; a água foi convertida em terra e depois em propriedade. As florestas pensantes ficaram mudas à medida que as suas redes de micorrizas[2] foram cortadas.

2 N.T.: associações entre fungos e raízes de determinadas plantas, que potencializa a absorção de nutrientes.

Laleh Khalili, pesquisador de política internacional, escreveu que "as paisagens foram ceifadas de lastro, saqueadas de areia, de telha e de rocha. [...] Esta extração de recursos transformou as paisagens de modo que foram esquecidas". Hailey nos lembra ainda que "o lastro descartado gerou paisagens nascidas de materiais deslocados de terras longínquas". No entanto, não se trata de reconstruir uma paisagem de pureza perdida, mas de reconhecer o presente colonial em que todos nos encontramos.

Quando atravessamos Nova York, estamos, por vezes, a trinta e três metros acima da terra que já foi o lar de muitas mais espécies do que a nossa. O lastro, o lodo dos rios, as relíquias indígenas, os resíduos domésticos e industriais e os destroços ecológicos, tais como colinas derrubadas com terra removida para túneis, foram utilizados para nivelar a cidade. Isso começou muito cedo na história colonial, em 1646.

Em 1790, Nova York era o porto mais importante do país devido à sua localização central nas colônias norte-americanas. Ligava a Europa às Índias Ocidentais e, mais tarde, ao Centro Oeste através do Canal de Erie e, mais tarde ainda, através do sistema ferroviário que cruzava a cidade, hoje chamado High Line.

Como mencionado pela primeira vez na iteração de Bristol de *Seeds of Change*, ao contrário das ideias populares sobre o comércio triangular de escravos no Atlântico, muitas vezes era mais lucrativo retornar em lastro do que esperar por açúcar, rum ou algodão, especialmente durante os primeiros dias da colonização. Isto libertava os navios para navegarem mais rapidamente para a África e apanharem mais pessoas escravizadas – "carga" – que eram quatro a seis vezes mais lucrativas do que os produtos coloniais. O comércio de escravos era a pedra angular da economia de Nova York. E o transporte de corpos em navios, principalmente das Índias Ocidentais, exigia lastro para compensar o seu movimento. Em Nova York, os navios chegavam da Inglaterra com material de lastro como sílex, ferro e terra ingleses, e de outras zonas do mundo com lastro constituído por grandes pedaços de coral, areias vulcânicas e coralinas, tijolos, pedras e rochas. Grande parte da Inglaterra – especificamente fragmentos de Devon, Cornualha, Poole e Bristol – acabou em Nova York.

Na década de 1920, o lastro sólido foi lentamente substituído por água em muitos locais, mas em Nova York o lastro de terra continuou a chegar até o início da década de 1950. Por exemplo, durante a Segunda Guerra Mundial, a Marinha dos EUA enviou armas para os Aliados, com os barcos a regressarem em lastro, uma vez que não havia mercadorias disponíveis. Depois da Segunda Guerra Mundial, os navios estadunidenses trouxeram mercadorias para a Europa devastada e, por vezes, regressaram com entulho de guerra como lastro. À chegada ao porto, o lastro era descarregado, levando consigo sementes da zona onde tinha sido recolhido. Muito lastro foi utilizado como aterro nos bairros da cidade de Nova York (daí, por exemplo, o nome "Bristol Basin", onde a East 25th Street se encontra com a Franklin D. Roosevelt Drive, ao longo das margens

do East River). Juntamente com os escombros de Bristol podem também ter vindo ossos de aborígenes da Austrália.

"Desenraizar humanos e plantas são elementos do mesmo esforço colonial multiespécie", diz o filósofo Tomaž Mastnak ao defender a importância da "decolonização botânica". Mas em Nova York, também nos deparamos com uma terra colonizada. Comecemos por olhar para estas plantas, que indicam terra de lastro e são também testemunhas da transformação de Nova York em terra colonizada. Ensinam-nos que estamos em espaços de colonialismo, que não deve se tornar a única caraterística que define estes lugares. Ao mesmo tempo, temos que reconhecer que se trata de paisagens de violência.

Mastnak chama a atenção para as relações "baseadas no lugar" entre as plantas. As pessoas devem ser colocadas no contexto de como um local, a sua flora e a sua especificidade geográfica são constituídos pelo colonialismo dos imigrantes. O geógrafo Omar Tesdell faz eco desta ideia quando defende que "os acadêmicos devem examinar a forma como a natureza selvagem, a natureza nativa e a adequação agroclimática são cientificamente constituídas com e não à parte da conquista colonial". A historiadora de arte Wilma Lukatsch nos lembra que "as coisas vêm e têm uma história ambulante. E quando pensamos em solo, não pensamos em solo viajante. Há história no solo".

A colonização está embutida no próprio solo de Nova York, as terras tradicionais do povo Lenape. Um processo de decolonização deve começar pelo chão.

ALBANY (BALLAST)
YONKERS (BALLAST FLORA)
SOUNDVIEW PARK (BALLAST FLORA)
MOTT HAVEN (BALLAST FLORA)
8 AVE, RIVER - 140 St. (BALLAST FLORA)
OAK POINT (BALLAST FLORA)
107 ST (BALLAST FLORA)
102-100 St (BALLAST FLORA)
LANDFILL (SOME BALLAST)
HUNTERS POINT (BALLAST FLORA)
BRISTOL BASIN (BALLAST)
HOBOKEN RAILROAD DEPOT (BALLAST FLORA)
EAST RIVER PK. (BALLAST)
175 WATER St. (BALLAST)
COMMUNIPAW (BALLAST FLORA)
ELLIS ISLAND (BALLAST)
RED HOOK (BALLAST)
GOWANUS CREEK (BALLAST FLORA)

dandelion
plantain
greater celandine

SMUGGLERS PREFERRED TO ILLEGALLY DEPOSIT ENSLAVED AFRICANS IN THE LONG AND SERPENTINE COAST OF LON
NUMBERED THE OFFICIAL IMPORTS OF SLAVES FOR THE WHOLE COLONY." SOME WERE TO WORK ON PEACH FARMS A

VERBENA OFFICINALIS

ATRIPLEX ROSEA

DIPLOTAXIS TENUIFOLIA

MERCURIALIS ANNUA

NEW YORK
CAPE VERDE "SERENA" 1881, SEPT 20
ROTTERDAM "CHESTER" 1889, NOV 19
1881, MAY 16 "NEPTUNUS", ROUEN "TALE", AMSTERDAM "ADELE & SABRINA", LANGESUND
GLASGOW "DELHI" 1862, DEC 14
ANTIGUA "PILOT'S BRIDE" 1867, OCT 27
1861, SEPT 26 "LIVERPOOL", LIVERPOOL "GREAT REPUBLIC", LIVERPOOL "ANN 13", LONDON "NARRAGANSETT", LE HARVE "CIENFUEGOS", CUBA "PRINCESS CLOTHILDE", BRISTOL "STANDARD", BERMUDA
BRISTOL 7 SHIPS 1775
LONDON "PRINCESS CAROLINE" 1725, APRIL 1
RIO DE JANEIRO "MOZAMBIQUE" 1896, MAY 15
IRELAND MANY SHIPS FROM 1815
CORUNNA, SPAIN "ELISE RUGER" 1863, APRIL 27
1914-1918 BERGEN BORDEAUX BREST LE HARVE SAVONA GENOA LIVORNO CARDIFF LIVERPOOL LONDON TYNE CRETE ALGIERS
BARBADOS "ROBERT MOWE" 1863, FEB 22
PORTUGAL 1779
DUNKIRK "REGULAS" 1875, FEB 19
GOTEBORG "ELLIDA" +164 PASSENGERS 1842, AUG 8
HAVANA "CATALINA" 1884, JULY 9
CORK "UNICORN" 1776
1948-1952 ENGLAND FRANCE GERMANY PORTUGAL IRELAND SWEDEN NORWAY ITALY ICELAND GREECE BELGIUM NETHERLANDS DENMARK
1920, AUGUST 1/4 OF VESSELS DEPARTING PORT IN BALLAST
1920S FROM WEST INDIES
BREMEN "IRIS" + 254 PASSENGERS 1865, NOV 10
GLASGOW "QUEEN OF THE FLEET" 1862, NOV 6
ALGERIA "AMELIA" 1863, JULY 26
SENEGAMBIA "FRIENDSHIP" + ENSLAVED AFRICANS 1759
TORTUGA, HAITI "ANNIE E COX" 1855, JULY 4
1899-1900 BRAZIL GREENLAND ICELAND SCOTLAND CANADA BRITISH WEST INDIES GULF OF MEXICO COLOMBIA
GENOA "MAGDALENA" 1863, JULY 1
BREMEN "JOHANN LANGE" + 436 PASSENGERS 1864, AUG 27
MARSEILLE "ERRANTE" 1881, SEPT 17
SIERRE LEONE "SUCCESS" + ENSLAVED AFRICANS 1765
PUERTO RICO "SEA VENTURE" 1862, AUG 6
1862, OCT 9 "REAPER", LONDON "OCEAN RANGER" HAVANA "LUCINDA", BRISTOL "LEGATUS", CORK "ADAM", DUBLIN
BALTIMORE TAMPA BEAUFORT RICHMOND HYANNIS NORWICH NEW LONDON WASHINGTON D.C. STONY BROOK PROVIDENCE STONINGTON BRIDGEPORT NEW HAVEN MARBLEHEAD BOSTON STANFORD NORTHPORT NEWBERN NEW BEDFORD ALEXANDRIA PHILADELPHIA NEW ORLEANS GALVESTON ST. AUGUSTINE
1863, JULY 14 "HELOISE", MARTINIQUE "EVELYN", WEST INDIES "PEPPINA", GIBRALTER "HENRIETTA", BERMUDA "CHARLES MARTEL", VERACRUZ + 21 PASSENGERS
BREMEN "DUX" 1884, APRIL 16
BARCELONA "LINDESNAES" 1880, MAY 22
KRAGERØ "ALERT" + 146 PASSENGERS 1850, JUNE 29
BERMUDA "ELIZA BARSS" 1880, JUNE 24
1879, OCT 3 "ANGOMERE", DUNDEE "ROYAL CHARTER", ANTWERP "ZUBULON", CALAIS "STILWATER", LIVERPOOL "NEBO", LE HAVRE "ERINNA", ANTWERP "ZEPHIR", OPORTO
EUROPE 130 SHIPS IN CONVOY 1776, NOV 30
RIO DE JANEIRO "GUILFORD" 1828, MARCH 5
IN BALLAST

TOP LAYER FROM 19TH CENTURY LAND-BASED FILL.
NEXT LAYER FROM 18TH CENTURY LAND-BASED FILL.
FOLLOWED BY SILT FROM EAST RIVER.
THIS SHIP, MOST LIKELY THE PRINCESS CAROLINE, W
BEEN USED TO FILL IN THE EAST RIVER ON THE LOW
WHILE STILL A WORKING SHIP, THE PRINCESS CA
APRIL 1, 1725 "
ONE LAYER OF CORAL SAND WITH BRAIN CORAL.
ANOTHER LAYER OF COBBLE STONES. BOTH ADDED
IN 1744 FROM EXCESS BALLAST FROM
OTHER SHIPS.

ARCHEOLOGISTS RIESS AND SMITH INVESTIGATED THE DIFFERENT LAYERS FOUND IN THE SHIP.

WE DO NOT KNOW IF THE PEACH TREE WAR OF 1655 IN NEW YORK WAS BEGUN WHEN A NATIVE AMERICAN WOMAN, WHOSE NAME WE DO NOT KNOW, WAS KILLED FOR TAKING A RIPE PEACH FROM A FARM ON THE HARLEM RIVER OF THE DUTCH WOOL WASHER, TOBIAS TEUNISSEN. BUT HIS NAME COULD HAVE BEEN HENRY VAN DYCK OR CORNELIS VAN TIENHOVEN.

WHENEVER PEOPLE WERE TRANSPORTED ON SAILING MERCHANT SHIPS BALLAST WAS REQUIRED AS COUNTERWEIGHT IN ORDER TO STABILIZE THE VESSEL BECAUSE OF THE MOVEMENTS OF BODIES GETTING ON AND OFF.

ENSLAVED AFRICANS WERE SHIPPED TO THE AMERICAS AND WE HAVE BEEN TOLD EXCHANGED FOR COLONIAL GOODS.

BUT UP TO THE SECOND HALF OF THE 18TH CENTURY THERE WAS NOT YET SUFFICIENT COLONIAL GOODS PRODUCED. THEREFORE IT WAS MORE PROFITABLE TO RETURN "IN BALLAST" TO THE HOME PORT IN ENGLAND THEN WAIT FOR SUGAR, RUM, COTTON, ETC. AS THIS FREED UP THE SHIPS TO SAIL TO AFRICA MORE QUICKLY AND PICK UP MORE ENSLAVED AFRICANS AS THE PROFIT OF THIS CARGO WAS THE EQUIVALENT OF 4-6 SHIPS OF COLONIAL GOODS.

THERE WAS SO MUCH BALLAST ARRIVING IN LIVERPOOL THAT IT WAS USED IN THE CITY'S INFRASTRUCTURE. LORD DE TABLEY LISTS IN HIS FLORA OF CHESHIRE (1899) BALLAST PLANTS GROWING ON THE "BALLAST-MADE ROADS AT CLAUGHTON AND BIRKENHEAD".

NEW YORK SETTLERS PREFERRED ENSLAVED AFRICANS 'SEASONED' IN THE CARIBBEAN TO ENSLAVED AFRICANS PURCHASED DIRECTLY IN ANGOLA. PERHAPS THAT IS WHY CARIBBEAN CORAL SAND USED AS BALLAST WAS DISCARDED IN THE HARBOR OF NEW YORK.

NEW YORK WOULD GROW TO BECOME THE COUNTRY'S MOST IMPORTANT HARBOR AND BY THE 1850s IT DOMINATED THE ILLEGAL INTERNATIONAL SLAVE TRADE TO THE AMERICAN SOUTH, BRAZIL AND CUBA. WHEN I WAS A TEENAGER THERE WERE PEOPLE STILL LIVING WHO HAD BEEN BORN SLAVES IN BRAZIL.

LATER, WITH SO MUCH COTTON BEING SHIPPED FROM THE USA TO LIVERPOOL THE IRISH WERE BROUGHT LISTED AS BALLAST INTO THE PORT OF NEW ORLEANS AS THE RATES WERE CHEAPER THAN LIVE CARGO.

THE AMERICAN SAILING SHIP, THE "LIBERIA" HAD BEEN TO SIERRA LEONE, THEN KINGSTON, JAMAICA, ARRIVING IN NEW YORK ON FEBRUARY 20, 1893 WITH NO CARGO AND "IN BALLAST".

IN A CONFERENCE IN 1875 IN NEW ORLEANS, DELEGATES DISCUSSED BLACK MIGRATION TO THE WESTERN TERRITORIES OF THE USA AND LIBERIA.

IN 1878 THE "LIBERIA" TRANSPORTED 53 IMMIGRANTS MOSTLY FROM NORTH CAROLINA AND MISSISSIPPI AS WELL AS TWO "COMMISSIONERS OF EMIGRATION" (SEARCHING FOR HOMES FOR AFRICAN AMERICANS FROM ARKANSAS) TO MONROVIA IN LIBERIA. A MASS MIGRATION OF FREE AFRICAN AMERICAN PEOPLES ESCAPING VIOLENCE HAD BEGUN.

THE SOCIETY FOR THE COLONIZATION OF FREE PEOPLE OF COLOR OF AMERICA (ORGANIZERS WERE NON AFRICAN AMERICANS) HAD FOUNDED LIBERIA AS A COLONY IN 1821 FOR EMANCIPATED AFRICAN AMERICANS.

THE EXODUS MOVEMENT CONTINUED FROM NORTH CAROLINA TO KANSAS, FROM TENNESSEE AND KENTUCKY TO KANSAS. THOSE IN LOUISIANA TO OKLAHOMA, COLORADO AND KANSAS, FROM GEORGIA TO MISSISSIPPI AND ARKANSAS. AND THOSE IN ARKANSAS TO LIBERIA. PEOPLE FLEEING VIOLENCE.

TROUBLE WOULD BREAK OUT BETWEEN EMANCIPATED AFRICAN AMERICANS, NOW CALLED AMERICO-LIBERIANS, WHO HELD POWER AND THE INDIGENOUS PEOPLES WHO WERE NOT ALLOWED TO VOTE UNTIL 1963.

MUCH BALLAST ARRIVED IN 1877 AND 1878 FROM NORWEGIAN SHIPS WITH NO GOODS TO TRADE WHO WOULD COME "IN BALLAST" TO THE PORT OF NEW YORK TO PICK UP MANUFACTURED GOODS. THE BALLAST DISCHARGED IN PORT WAS TAKEN TO BE USED AS LANDFILL ON EIGHTH AVENUE FROM JUST ABOVE 155TH STREET TO 140TH STREET, ON 107TH STREET FROM THIRD TO FIFTH AVENUE AND 102ND AND 100TH STREET EAST OF SECOND AVENUE, AS WELL AS OTHER LOCATIONS THROUGHOUT THE CITY. SOME LAND FILLINGS WERE 7 TO 10 FEET.

BUT MUCH BALLAST WAS ALSO ARRIVING IN NORWAY. A TRAVELER NOTED THAT WHILE THE FORESTS WERE GONE, THERE WAS "AN ABUNDANCE OF FLOWERS INITIALLY BROUGHT HERE AS SEEDS IN THE BALLAST OF SAILING SHIPS." NORWEGIAN SHIPMASTERS WOULD SOMETIMES TAKE EXCESS BALLAST IF IT WAS EARTH TO USE FOR THEIR GARDENS. OSLO WAS SO DESPERATE FOR BALLAST TO USE AS LANDFILL THAT IT REQUESTED ALL SHIPS IN THE HARBOR TO DELIVER BALLAST TO THE CITY.

PASSENGER SHIPS WITH SO MANY MOVING BODIES ABOARD USED BALLAST TO MAINTAIN THE SHIP STABLE. MANY SHIPS ARRIVED IN NEW YORK WITH IMMIGRANTS (AND THEREFORE BALLAST).

ON MARCH 4, 1842, TOSTEN KLEVEN FROM SILJARD, NORWAY WENT TO GOTEBORG, SWEDEN AND HELPED LOAD BALLAST ON THE SHIP IN WHICH HE WAS TO SAIL TO NEW YORK WHERE HE WENT TO WORK ON A FRUIT FARM. HE THEN MADE HIS WAY TO HIS FINAL DESTINATION IN MUSKEGO, MILWAUKEE WHERE THE POTAWATOMI LIVED. HE MARRIED AASE KVAALSETH, A NURSE. THEY PURCHASED 80 ACRES IN DANE COUNTY, WISCONSIN THEIR GRANDCHILDREN LIVED AND WERE GAINFULLY EMPLOYED IN COMPANIES SUCH AS GENERAL MOTORS CORP., BELL TELEPHONE CO., NORTHERN PACIFIC RAILWAY, U.S. DEPT. OF HEALTH AND THE OFFICE OF LAND COMMISSIONER.

SOME SHIPS ACQUIRED THEIR BALLAST FROM THE INTERTIDAL ZONE ESSENTIALLY TRANSPORTING PART OF THESE INTERTIDAL COMMUNITIES ACROSS THE ATLANTIC, A SCIENTIST HAS NOTED.

SPRING HAD COME AND WE HAD DECIDED A MOVE UP NORTH WOULD BRING THE BOY MORE OPEN SPACE AND FRESH AIR THAN WE NOW HAVE ON PEARL STREET. ON SUNDAY WE TOOK THE OMNIBUS TO 42ND STREET AND SECOND AVENUE. THE SQUATTERS AND THEIR HUTS ALONG WITH PIGS AND GOATS HAVE BEEN CLEARED OUT AND NOW THERE IS MUCH LAND. LARGER HOUSES REMAIN, SOME CLINGING TO OUTCROPPINGS OF ROCK IN FORLORN AND ISOLATED CLUMPS FIFTEEN FEET HIGH FROM WHERE WE STOOD. WE PASSED A FEW HOUSES THAT WERE ON LEVEL WITH THE ROAD. BUT MRS. DAFFERN WHO CAME TO BUY SOME MORE OF THE BLUE RIMMED-SHELL EDGED PLATES FAVORED BY HER RATHER DOUR HUSBAND WHO WORKS FOR CITY HALL SAID THAT IT WOULD BE UNWISE TO PURCHASE THOSE AS SHE HAD HEARD THAT THE STREET WAS TO BE RAISED TO THE UPPER SURFACE OF THE ROCKS. I IMAGINE THEN THERE WOULD BE THE ADDED EXPENSE OF DEMOLISHING THE HOUSE AND FILLING THE SPACE TO MEET THE NEW STREET 15 FEET ABOVE US. JUST LIKE WATER STREET, WHICH WAS MADE BY FILLING UP THE RIVER UP TO THE STREET LEVEL. AND NOW BLOCKS OUR VIEW OF THE RIVER.